

## O radio educativo na ressocialização de jovens e adolescentes: o projeto comunicasom

### Resumo

Este artigo apresenta um estudo com jovens e adolescentes que participaram do projeto Comunicasom no Centro de Atendimento Socioeducativo Provisório (Casep) do município de Criciúma. Este estudo teve como ponto central analisar de que modo às oficinas de rádio, oferecidas através do projeto Comunicasom, contribuiriam como um espaço educativo para jovens e adolescentes com privação de liberdade. Questões como educação libertadora, educação não formal e educação popular foram categorias enfatizadas na pesquisa tendo como referencial Paulo Freire. A tentativa foi compreender de que forma o radio em espaços formativos não escolares contribui para processos educativos e de ressocialização de jovens e adolescentes em conflito com a lei. O Comunicasom se configura como um espaço capaz de dar voz aos jovens e adolescentes à margem da lei, que encontraram nas oficinas de rádio uma ponte entre o que fizeram e o que pretendem fazer com sua liberdade.

**Palavras-chave:** Educação. Espaços Não Formais. Radio educativo. Comunicasom.

**Karina Woehl de Farias**

Universidade do Extremo Sul Catarinense  
fariaskaki@gmail.com

## Introdução

As diversas formas de desenvolver as atividades educativas tem demonstrado uma gama significativa de possibilidades metodológicas, tanto na formulação de fundamentos formativos como nos seus fundamentos epistêmicos. A relação de saberes e interesses vêm se constituindo na multiplicidade de relações pedagógicas, podendo significar importantes avanços na produção do conhecimento e difusão do conhecimento.

Este caráter multifacetado dos processos pedagógico-educacionais provoca a necessidade de aproximação e diálogo com os processos e ferramentas da comunicação. Por isso, a necessidade de se discutir o uso dos meios comunicacionais, dentro ou fora de uma sala de aula, vem cada vez mais ganhando espaço. Desse modo, se faz necessário perceber a mídia como ferramenta que compõe o repertório de recursos à construção e difusão do conhecimento nas mais variadas áreas.

A intenção deste artigo é compreender de que forma o rádio, como ferramenta comunicativa, pode auxiliar no processo educativo em espaços de privação de liberdade. O estudo baseou na análise do Projeto Comunicasom, iniciativa da Justiça Federal, que oferece oficinas de rádio para adolescentes apreendidos no Casep de Criciúma. A ideia é apresentar de que forma o rádio vem despertando o interesse dos internos pela informação, pela música e pela cultura.

Os dados que pautaram esta análise foram obtidos através de entrevistas, com um representante da direção do Centro, com o idealizador e coordenador do projeto e com dois adolescentes do próprio Casep.<sup>1</sup> A análise foi problematizada a partir do referencial do educador Paulo Freire, enfatizando categorias como educação popular e libertadora, educação não formal e conscientização.

Aqui interessa apontar, num primeiro momento, até que ponto o rádio educativo é um recurso importante para a formação e para emancipação dos indivíduos e até onde estão seus limites. Em seguida pretende-se, assim, expor a experiência do projeto Comunicasom no Casep de Criciúma. Por fim apontamos para os resultados das

---

<sup>1</sup> A Justiça Federal concebeu autorização para entrevista com os adolescentes, na exposição fora preservado suas identidades.

entrevistas na forma de discutir e analisar questões como a educação em espaços não formais e o papel do rádio educativo nesse processo.

## O Rádio Como Meio de Comunicação Educativa

O rádio teve uma importante trajetória de relação com a educação brasileira. Essa relação entre o rádio e a educação brasileira teve um papel de destaque na compreensão da função social desse veículo comunicativo. De um modo geral, os meios de comunicação têm papel fundamental no comportamento das pessoas, nas escolhas políticas e pode influenciar nos processos educativos atuais.

A mídia é capaz de interferir nos mais variados campos da sociedade; do político ao cultural, do social ao econômico. Por isso, as informações midiáticas deveriam estar aliadas à produção de conhecimento, particularmente quando o assunto é educação. No dizer de Freire, “educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 1980, p. 69).

Nesta afirmação, Freire enfatiza a necessidade do diálogo para uma educação libertadora. No rádio, mesmo com um diálogo comprometido, onde nem sempre há a intervenção do receptor da mensagem, no caso o ouvinte, pode existir reflexão e, assim, produção de conhecimento. A partir do momento em que a mensagem é recebida pelo ouvinte, este sujeito, por meio da *reflexão sobre a ação*, constrói um tipo de saber que não pode ser desconsiderado como conhecimento.

Paulo Freire (1980) afirma ainda afirma em sua obra que o homem é um ser de relação e não só de contatos como o animal; não está apenas no mundo, mas com o mundo. Assim, a comunicação pode ser vista como um componente do processo educativo. Mesmo que neste processo o conhecimento não seja científico, ele auxilia na construção de um saber, não crítico, mas que não se pode desprezar como saber. Enquanto a consciência ingênua é simplista, superficial, massificadora e sem argumentos, a consciência crítica admite que a realidade é mutável, substitui explicações “básicas” por

princípios autênticos de causalidade, está sempre disposta a rever, repele preconceitos, é inquieta, autêntica, democrática, indagadora, investigadora e dialógica (FREIRE, 1996).

Paulo Freire, mesmo não tendo os meios de comunicação como objeto de estudo, e sim as práticas educativas, compreendia a importância de união entre comunicação e educação para a transformação da sociedade. O autor deu importantes contribuições e conceitos utilizáveis até os dias de hoje quando o assunto é comunicação educativa, como por exemplo, a necessidade da superação de uma realidade. Comunicar-se é uma das formas de relacionar multiculturas e sujeitos singulares entre si, mas capazes de promoverem uma espécie de comunhão entre os seres em uma ação dialógica e problematizadora. É por meio deste processo e desta junção entre uma comunicação e uma educação questionadora que se consegue a formação de sujeitos críticos, capazes de agir e pensar de forma emancipada. Problematizar o real, o mundo, a realidade em si, é o que permite que sujeitos possam *des-velar* novos saberes.

Por isso que não somente a escola, mas espaços fora da sala de aula como os meios de comunicação, podem ser mediadores deste processo de emancipação de sujeitos. Daí a necessidade de veículos comprometidos não com uma comunicação do espetáculo ou de cunho somente comercial, mas uma mídia capaz de apresentar experiências oriundas da diversidade cultural deste país. Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire condena a alienação que os veículos de comunicação de massa podem levar o público a viver. Para evitar tal fato, o educador pede uma leitura crítica do que é publicado nos meios e reflete: “Que o povo então desenvolva o seu espírito crítico para que, ao ler jornais ou ouvir o noticiário das emissoras de rádio, o faça não como mero paciente, mas com uma consciência que precisa libertar-se” (FREIRE, 1987, p. 68).

Os veículos comunicativos podem ter papéis fundamentais na formação do pensar de cada cidadão. Cada vez mais os veículos midiáticos interpelam o público de uma forma que, muitas vezes, beira o apelativo ou o comercial. No entanto, o pedagogo enfatiza a necessidade de uma leitura da realidade de forma reflexiva e com participação dos sujeitos. Quando o indivíduo participa deste processo de comunicação não somente como um receptor acrítico, ele é capaz de reorganizar a visão de si, do mundo e do outro, tornando-se um sujeito ativo dentro do processo comunicacional, o que é muito

importante para que haja essa cultura do diálogo, tão defendida por Paulo Freire (ROSA e SILVA, 2010).

Isso não é diferente nas ondas do rádio. Este veículo de comunicação vem se modificando e transformando sua função educativa. Atualmente, programas específicos para o meio e/ou voltados à educação são raros nas emissoras de rádio. No entanto, isso não quer dizer que o rádio deixou de educar, ele está em constante transformação, mas quando cumpre o papel ao qual foi designado, o de ser um prestador de serviço e de utilidade pública, o meio segue tendo um caráter educativo.

Utilizando-se unicamente da expressão sonora, o rádio tem na oralidade sua potencialidade. Por meio das ondas sonoras, diferentemente de outros meios, é capaz de despertar a imaginação acústica do ouvinte, permitindo que cada sujeito que o ouça elabore imagens. Em sentido diferente daquele encontrado na televisão ou no cinema, o imaginário da recepção radiofônica é despertado na medida em que são estabelecidos nexos entre falar e ouvir, provocando inquietações e permitindo aos destinatários construir redes de imagens facultadas pelas sequências de palavras (CITELLI, 2006, p.97).

As inquietações que o autor descreve já são curiosidades, não epistemológicas é bem verdade, mas que, segundo Freire (1980, p. 47) “Ninguém sabe tudo, assim como ninguém ignora tudo. O saber começa com a consciência do saber pouco. É sabendo que sabe pouco que uma pessoa se prepara para saber mais”. Este deveria ser o papel de uma comunicação educativa, despertar a produção de conhecimento no receptor da mensagem. Para Kaplún (1978, apud ARAÚJO, 2008), o rádio pode ser um importante meio para a propagação da comunicação educativa. A oralidade do rádio é muito parecida com a contação de história, a qual ouvimos desde os primeiros anos de idade. Essa característica aponta o rádio como um veículo capaz de ser usado como ferramenta educativa nos processos de ensino e aprendizagem dentro da sala de aula, como também fora dela.

Vivemos em uma sociedade cada vez mais “comunicativa” em seus vários recursos de comunicação. São muitas as funcionalidades educativas dos veículos comunicativos. Eles podem ser usados para a transmissão de cursos à distância ou voltados a uma

programação propriamente educativa. Sendo assim, nos diversos espaços educativos esses veículos podem ser mais uma forma de ampliar o desenvolvimento das capacidades socializadoras e informativas, bem como contribuir na formação do cidadão capaz de refletir, comparar, analisar e criticar as informações que a ele chegam.

Diferenciando a educação nos diferentes espaços, Gadotti (2005, p.3) lembra que mesmo que os espaços possam variar toda educação é, de certa forma, educação formal. Isso porque sempre há intencionalidade, mesmo o cenário sendo diferente. “Trata-se de um conceito amplo, muito associado ao conceito de cultura”. Gohn (2001) prefere aproximar a não formalidade a um processo de formação para a cidadania, formação profissional ou organização em comunidades.

Paulo Freire (1996, p.50) ratifica a importância das experiências e vivências na formação do sujeito, extrapolando os bancos de sala de aula.

Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação.

A partir da reflexão do pedagogo Paulo Freire é possível avançar no quão complexo é o ambiente de aprendizado. Desde o mais modesto núcleo familiar até o grande grupo onde quer que ele se insira, passando pelas relações no ambiente escolar e fora dele, no cotidiano, em todos esses ambientes é possível encontrar conhecimento. Grandes projetos educacionais que permitiram alfabetização em grande escala se deram em ambientes não formais, por intermédio do rádio ou de agentes de educação preparados especialmente para este fim.

O problema de tal capacidade de ensinar por este tipo de educação é que ela não é vista como continuidade do ensino escolar, e sim, algo extra-escolar, que foge às regras do aprendizado formal. No entanto, é perceptível que se pode aprender fora de uma sala de aula.

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença do mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História (FREIRE, 1996. p.45).

É através da emissão do conteúdo para as ondas sonoras que os garotos começam a perceber o que acontece no mundo exterior e conhecer um pouco mais sobre os acontecimentos da sociedade em geral.

O principal papel da Comunicação Educativa é estimular o receptor a decodificar seu contexto, é ser problematizadora e, depois, construir para a construção novas experiências que irão possibilitar a decodificação do mundo e da sua própria vida (ARAÚJO, 2008, pág. 05).

Desta forma, entende-se que as oficinas de rádio do Casep têm um papel importante na formação destes sujeitos que, em breve, sairão da prisão. Por meio das falas no rádio, os garotos passam a “colocar para fora” sentimentos, desejos, e anseios daquilo que esperam encontrar depois que deixarem a reabilitação. Começam ainda lá dentro fazer uma leitura do mundo em que estão ou do mundo que vão encontrar. E quem comunica, por mais que tenha ciência que possa estar falando para um público diminuto e restrito, quer entregar bons exemplos, quer vender uma boa imagem de si.

A partir disto seria difícil conceber que os jovens, ao se expressarem no Comunicasom, apresentassem uma perspectiva negativa de si sem entregar a seus ouvintes um resultado final positivo, de reciclagem de vida e pensamentos em prol de um destino melhor, longe das mazelas que os levaram a estar ali, naquela condição de busca por uma recuperação.

## O Comunicasom – a oficina de rádio dentro do Casep

O Casep – Centro de Atendimento Socioeducativo Provisório - é um espaço não formal educativo. Meninos em conflito com a lei, que cometeram algum delito e necessitam, provisoriamente de um local para ressocialização e oportunidade de melhoramento de sua condição perante a sociedade, podem participar de oficinas das mais variadas áreas feitas dentro da instituição. Cursos estes mediados por educadores

sociais ligados às áreas da música, dança, artes plásticas, trabalhos manuais, cursos profissionalizantes, oficina de rádio, entre outras modalidades administradas dentro do Centro. A de oficina de rádio é conhecida como Comunicasom e é oferecida a todos os meninos que desejem participar.

Atualmente, encontra-se em restrição de liberdade no Casep de Criciúma 20 adolescentes em sua capacidade máxima.<sup>2</sup> Destes, muitos devem ficar poucos meses, outros podem ultrapassar um ano de reclusão, mesmo o Estatuto da Criança e Adolescente (ECA) determinando que a detenção não passe dos três meses. A “pena” é decidida pela Justiça, que avalia idade, o tipo de ato infracional cometido e a incidência dos adolescentes menores de idade.

O objetivo do Casep é afastar o adolescente do convívio sociofamiliar antes da sentença, em entidade destinada especificamente a este fim, pelo prazo máximo de 45 dias. Como não há vagas no CASE estadual, os garotos precisam ficar por mais tempo nos centros regionais. No Centro o rádio auxilia nas aulas dos internos da instituição por meio de oficinas específicas, numa aposta de que educação e comunicação podem contribuir na reconstrução do conhecimento e no melhor entendimento de cidadania.

O Comunicasom é um projeto de cunho socioeducativo da Justiça Federal que oportuniza aos adolescentes infratores do Centro Socioeducativo Provisório, o Casep de Criciúma, apreender novos saberes por meio do rádio. De acordo com o idealizador do projeto e atual educador social do Comunicasom, Daniel Souza Paes, a iniciativa visa trabalhar com o potencial artístico dos reeducandos, trazendo temas da própria trajetória de vida dos internos, enquanto indivíduos e cidadãos, “visando à reinserção social, buscando assim prevenir a reincidência carcerária através de oficinas de áudio, informática e vídeo, desenvolvendo o raciocínio e a criatividade, através de formas alternativas de expressão, buscando despertar nos participantes o interesse pelos estudos, pela arte, pela cultura, bem como de algumas perspectivas de mercado de trabalho formal e informal”.

---

<sup>2</sup> Dados referentes ao primeiro semestre de 2012.

O projeto Comunicasom começou em 2001 como programa *Rap do bom*, com músicas do movimento hip hop, rap e elaborado dentro da antiga Fucabem pelo atual educador social Daniel Paes. Na sequência, o programa passou a ser chamado de *Si pá, rola!*, abrindo a cobertura para mais expressões dos movimentos estudantis e não somente o hip hop. A intenção foi dar oportunidade de expressão, pelas ondas do rádio, aos meninos detidos pelo sistema carcerário na cidade de Criciúma. “O rádio dá a oportunidade de expressão, de ouvir o outro. Com essa proposta, de autoconhecimento, que levei o rádio para dentro da instituição de menores infratores”.

Os programas são livres e geralmente abordam questões sociais, por meio do Hip Hop ou da religião, acompanhados de entrevistas entre os garotos, leituras bíblicas e canções gospel. Essa autonomia na produção das peças radiofônicas acaba por envolver estes jovens em uma forte conjuntura psicológica, por se tratar da articulação da fala e da comunicação, envolvendo o íntimo dos participantes, mexendo com conceitos de família, fé e verdade. Logo, percebe-se que a comunicação desperta algum tipo de curiosidade, não somente para quem ouve, mas principalmente para quem comunica.

O projeto Comunicasom é um exemplo disto, onde meninos autores de ato infracional, apreendidos no Casep de Criciúma, têm a chance de aprender uma nova profissão ou mesmo estarem inseridos no contexto social fora dali por meio do rádio e da comunicação. Além disso, fazê-los refletir sobre a realidade existente por meio das ondas radiofônicas é dar voz a estes garotos em restrição de liberdade.

Já passaram pelas oficinas propostas pelo educador aproximadamente quatro mil adolescentes, e até então a iniciativa era somente realizada de forma voluntária pelo atual educador, Daniel Souza Paes, que levava equipamentos em bairros da periferia de Criciúma, gravava depoimentos e na sequência apresentava aos adolescentes das comunidades visitadas.

Já no ano de 2009, uma parceria entre a Justiça Federal e a Universidade do Extremo Sul Catarinense garantiu a continuidade e a manutenção do projeto Comunicasom. As aulas das oficinas ocorrem semanalmente e permitem a elaboração de programas informativos e musicais produzidos pelos jovens internos do Casep.

## A voz de adolescentes do Comunicasom

Por meio deste recorte, a pesquisa ouviu dois adolescentes e o educador social do projeto a fim de analisar como as oficinas podem ajudar na vida destes meninos. Avaliou ainda se os adolescentes são realmente capazes de uma formação crítica, autônoma e libertadora. E também, se este novo saber pode significar algo transformador fora da prisão.

No primeiro contato com os adolescentes autores de ato infracional e o professor da oficina de rádio, já foi possível perceber e analisar o processo pedagógico empregado no projeto.

Em um primeiro contato, para elaboração deste estudo, foram entrevistados dois garotos com mais de seis meses de reclusão cada um. Os dois garotos estão internados, com mais 20 adolescentes, por terem cometido crimes como tráfico de drogas e homicídio. A escolha pelos meninos ouvidos não partiu da autora da pesquisa, mas sim, do professor que ministra a disciplina de Rádio, por entender que estes dois adolescentes se interessavam, mais que os demais, pelas aulas de radiodifusão.

Durante a entrevista, os dois meninos relataram situações semelhantes. Estavam no CIP por falta de estrutura familiar. No discurso do professor, a afirmação é enfatizada, quando ele relata a transformação que ocorre com os garotos por meio da fala dos menores nos programas produzidos pelos próprios internos.

A gente percebe a primeira mudança neles mesmos, quando eles escutam os relatos, se emocionam, e dá pra ver um resultado na cabeça deles, muito diferente de qualquer outra pessoa que escuta os programas. De 40 trabalhos mostrados, mais de vinte choraram, principalmente quando o assunto é família, porque a gente percebe que o grande elo entre o crime e uma vida correta é a família. Família desalicerçada, os filhos também. Família alicerçada, adolescente alicerçado.

A fala do professor coloca os menores em uma situação diferente da que a sociedade enxerga os crimes destes autores de ato infracional. O discurso evidencia um dos problemas encontrados atualmente na sociedade. O mundo do crime como fuga de problemas familiares, de falta de amor, de cuidado. Porém, a ideia não é fazer com que

estes meninos sintam pena de si mesmos ou voltem a cometer novos delitos por falta de opção na vida. Assim, percebe-se a importância da atividade desenvolvida e da fala destes internos durante a reclusão. Através do discurso, como também da escolha de notícias, da autonomia em criar seus programas, dá-se a estes adolescentes a oportunidade de se pensarem enquanto sujeitos de suas histórias, e não apenas, como objetos ou seres coadjuvantes de suas próprias vidas.

Neste contato da pesquisa com o Comunicasom, os dois jovens foram peças importantes deste artigo. O adolescente V.M., de 17 anos, esteve internado por seis meses e participou das aulas de rádio no segundo semestre de 2011, data do primeiro contato desta pesquisa com o Casep e o Comunicasom. O jovem participou da entrevista com o consentimento da direção da instituição e da Justiça Federal.

No programa *Só o Senhor é Deus*, produzido e apresentado pelo jovem V.M., a música gospel foi o estilo mais presente. O adolescente entrevistado ratifica a informação afirmando, em entrevista, que é importante usar o tempo com orações. “No programa de hoje vamos falar um pouquinho mais de Deus”, relatou o menino na abertura de seu programa. Quando perguntado por que o estilo gospel, V.M. diz que louvar o Senhor faz bem. “Ele (Daniel) está nos ajudando muito, então é bom botar um louvar a Deus lá dentro (na cela do Casep) pra gente não ficar só com pensamentos ruins. Pra adorar a Deus sempre é bom ter um pouquinho de tempo pra louvar”.

Durante a entrevista optou-se por deixar os adolescentes mais à vontade, sem forçar respostas ou insistir em perguntas. Na verdade, a condição dos meninos de estar em reclusão, chegarem algemados para a entrevista diante de educadores e coordenadores do Casep, os coloca em uma situação desigual. Percebe-se isso com a chegada dos meninos, silenciosos, cabisbaixos, aparentando vergonha por suas condições de autores de ato infracional. Pelo menos foi esta a leitura feita pela autora ao ver os jovens caminhando de uma forma “ordenada”.

O outro adolescente ouvido durante este primeiro contato entre pesquisador e o objeto a ser estudado, K., de 16 anos, disse em poucas palavras que as oficinas servem como incentivo de trabalho para quando saírem da detenção. Apreendido por alguns

meses no Centro Socioeducativo, ele acredita que o contato com o rádio pode lhe trazer benefícios futuros no trabalho. “Escolho música, edito, falo no microfone ali, escrevemo o que *vamo fazê* no programa”, contou. Na sequência, é questionado se ele se enxerga fazendo algo semelhante depois da pena cumprida. “Me vejo fazendo isso (rádio), pode ser um trabalho futuro. Basta querer, né”, finalizou.

O realizador das oficinas de rádio também acredita no conhecimento construído no projeto como algo a ser usado na trajetória profissional destes garotos. “Muitos dos meninos chegam ao Casep sem nem sequer saber ligar o computador, mas acabam aprendendo ferramentas importantes que poderão ser utilizadas profissionalmente quando saírem daqui, então vejo o Comunicasom como profissionalizante sim”, destaca Daniel Paes.

A leitura de Paes não está errônea levando-se em consideração o mundo globalizado no qual vivemos. No entanto, o fazer sem reflexão é que deve ser combatido. Porém, o ensino profissionalizante que prioriza a cidadania, que ajuda na libertação do sujeito é algo que se deveria ensinar em ambientes educacionais formais, e nos não formais também, como reforça Gadotti (2009), ao afirmar que devemos:

Obter uma visão libertadora do trabalho e uma educação que não seja para o mercado, mas para a vida. A educação profissional e tecnológica não pode ser submetida à lógica do mercado, pois esta, quando introduzida na educação, faz com que aquela perca seu sentido. Vou dar um exemplo. Se nós introduzirmos na relação professor-aluno a mesma competitividade da lógica do mercado, então o professor perderá a alma dele, porque ele vai virar um reles instrutor, formador de mão de obra (GADOTTI, 2009, p.64).

Daniel idealizou e dá sequência ao projeto Comunicasom sem ter uma formação específica na área de comunicação ou pedagogia, no entanto, a visão de mundo que tenta construir junto com os meninos impressiona os que de fora assistem aos resultados obtidos com a iniciativa. Nos programas gravados nas oficinas de rádio, pode-se perceber na fala dos autores de ato infracional uma maior liberdade de expressão e comunicação.

## Considerações finais

Por meio de um contato inicial com o projeto Comunicasom, percebeu-se que os internos do Casep demonstraram interesse em dar continuidade às aulas de rádio, bem como a elaboração dos programas radiofônicos fora da prisão. O adolescente K., de 16 anos, comentou durante entrevista a autora que vê no rádio uma oportunidade de emprego fora da reclusão. Já o outro garoto, W., 17 anos, encontrou nos programas religiosos “uma forma de não pensar em coisas ruins no período em que está detido”.

A fala dos meninos demonstra que o projeto vem dando certo. Instiga a curiosidade dos adolescentes por uma nova habilidade, bem como ocupa os internos com algo construtivo e criado por eles mesmos. Essa vontade de *aprender* alguma coisa nova, Freire (1996, p. 61) chamou de um novo saber. “A curiosidade é já conhecimento”. Gadotti (2005) complementa a afirmação do pedagogo quando diz que este conhecimento, mesmo que prático, faz sentido para quem projeta um futuro próximo.

O conhecimento serve para adquirirmos as habilidades e as competências do mundo do trabalho, servem para tomar parte nas decisões da vida em geral, social, política, econômica. Serve para compreender o passado e projetar o futuro (GADOTTI, 2005, pág.04).

E é exatamente isto que os garotos tentam fazer, compreendendo os motivos que o levaram para o Centro, como também, conseguir vislumbrar um futuro fora dali como sujeitos com capacidade de libertação, emancipação. Por meio das oficinas, os meninos começam a perceber que podem construir uma história diferente da vivida até então.

O fato de me perceber no mundo, com o mundo e com os outros me põe numa posição em face do mundo que não é de quem nada tem a ver com ele. Afinal, minha presença do mundo não é a de quem a ele se adapta, mas a de quem nele se insere. É a posição de quem luta para não ser apenas *objeto*, mas sujeito também da História (FREIRE, 1996, p.38).

Foi possível perceber que os garotos são capazes de se perceberem no mundo e compreendem alguns dos motivos que os levaram a cometer delitos, mas o mais importante, eles são capazes de vislumbrar, por meio do rádio, uma oportunidade melhor para quando saírem do Centro.

O campo a ser explorado pela comunicação educativa ainda é vasto e tem uma trajetória longa a percorrer, mas o uso do rádio em espaços alternativos de educação pode auxiliar no processo de aprendizagem, sejam de jovens, crianças, adultos ou idosos. O veículo com características peculiares de mobilidade, instantaneidade e, principalmente, com uma linguagem simples (não simplória) torna-se opção em potencial na formação de sujeitos. No entanto, requer uma integração entre as atividades nem sempre encontrada nos sistemas educacionais.

## Referências

ARAÚJO, Alessandra Oliveira. **A Rádio-Escola como uma experiência de Comunicação Educativa**. In. XXXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, UFC, 02 a 06 de setembro de 2008. Disponível em <http://www.intercom.org.br>. Acesso em maio de 2011.

CITELLI, Adilson. **Palavras, meios de comunicação e educação**. São Paulo: Cortez, 2006.

FREIRE, Paulo. **Comunicação e Expressão**. 5ª Ed. Rio, Paz e Terra, 1980.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia da Autonomia**. Rio, Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Educação como Prática da Liberdade**. 14ª Ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1983.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª Ed: Rio, Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **A importância do ato de ler: três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados, 1989.

GADOTTI, Moacir. **A Questão da Educação formal/não-formal**. In. Institut International Des Droits de L'Enfant (IDE). Suíça, 2005.

\_\_\_\_\_. **Educação Profissional: Ciência e Tecnologia**. Volume 4, número 1, p. 61-64, jul./dez. 2010. EDIÇÃO ESPECIAL. Entrevista concedida em 25.11.2009. Por Ricardo Silva & Rafael Voigt.

\_\_\_\_\_. **Educação Profissional: Ciência e Tecnologia**. Volume 4, número 1, p. 61-64, jul./dez. EDIÇÃO ESPECIAL. Entrevista concedida em 25.11.2009 a Por Ricardo Silva & Rafael Voigt, 2010.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3ª Ed. São Paulo, Atlas, 1991.

GOHN, M. da Glória. **Educação não-formal: cultura política**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2001.

PIMENTEL, Fábio Prado. **O Rádio Educativo no Brasil, uma visão histórica**. Rio, Soarmec Editora, 1999.

ROSA, Rosane; SILVA, Manuela Ilha. **A práxis comunicacional e a construção de um saber emancipatório: um diálogo entre Freire, Kaplún e Martín-Barbero**. In. Animus – revista interamericana de comunicação midiática. Vol. 18, 2010. Acesso em agosto de 2012.